

# Honras militares marcam adeus a Brasília

Brasília — “Dona Risoleta, nós lhe amamos. Tancredo vive para sempre”, gritaram 20 mil pessoas, contidas pelos cordões de isolamento, quando o blindado Urutu chegou à Esplanada dos Ministérios, trazendo o corpo de Tancredo Neves, na solenidade que antecedeu ao embarque para Belo Horizonte. De óculos escuros e levemente maquiada para disfarçar o cansaço, a viúva do Presidente agradeceu ao povo, acenando e enviando beijos.

Após as honras militares prestadas por contingentes do Exército, Marinha e Aeronáutica, o cortejo, que deixara o Palácio do Planalto às 11h, seguiu para a base aérea. O Presidente José Sarney e sua mulher, Dona Marly, acompanharam Dona Risoleta por toda extensão do tapete vermelho, até a porta do Boeing presidencial, que às 13h decolou para Belo Horizonte.

## No coração

Sob o sol forte da manhã, o caixão, envolto na bandeira brasileira e carregado por seis cadetes da Marinha, Exército e Aeronáutica, apontou na porta principal do palácio. “Tancredo presente, no coração da gente”, dizia o refrão entoado pelos populares, enquanto o corpo, entre duas alas de Dragões da Independência, descia a rampa do Planalto.

Quando Dona Risoleta surgiu na porta principal do palácio, a multidão cantava o Hino Nacional. Ela parou, com braços pendidos e as mãos entrelaçadas, aguardando que o caixão fosse colocado no Urutu. O blindado deslocou-se em direção à Esplanada dos Ministérios, puxando o cortejo de carros oficiais.

Em frente ao Ministério da Justiça, teve início a cerimônia. A pé, Dona Risoleta, filhos e netos, seguidos por Sarney, dona Marly e autoridades, entre as quais o ex-Presidente Ernesto Geisel, atravessaram a Esplanada, até o Ministério da Fazenda. A banda do Batalhão de Guardas Presidencial executou a Marcha Fúnebre de Chopin e as tropas deram salvas de fuzil, na última homenagem oficial que Brasília prestava a Tancredo.

Da Esplanada, o cortejo seguiu em direção à base aérea.

Uma multidão concentrou-se na rampa de acesso da Rodoviária ao Eixo, por onde passaria o corpo de Tancredo. Francisco Ferreira da Silva, 55 anos, funcionário público e um dos 3 mil populares que os policiais tentavam afastar do meio da avenida, protestou: “Viemos dar nosso adeus ao primeiro Presidente de verdade dos últimos 20 anos. Tancredo gostava do povo, eles não podem fazer isso com a gente.”

## Vizinhos

Seguido por centenas de motociclistas e ciclistas, que se misturaram aos carros da política e tanques do Exército, o Urutu que trazia o caixão entrou em alta velocidade no Eixo Rodoviário. Ao longo dos seus sete quilômetros, eram acenados lenços brancos e bandeiras verdes e amarelas.

Às 11h45min, o blindado desmontou na Superquadra Sul 206, onde morou Tancredo até mudar-se para a granja do Riacho Fundo. Dona Risoleta virou o rosto na direção do prédio e a neta Andréa chorou, enquanto seu irmão Aécio respondia com acenos os aplausos dos moradores. Vitória Graitolini, residente no Bloco J, disse chorando que frequentemente encontrava Tancredo no pátio do edifício. “Ele, carinhosamente, brincava: Quanto tempo eu estava esperando por esse abraço”, recordou.

Meia hora depois, ao som de sirenes de buzinas, o cortejo chegou à base aérea. Ao longo do tapete vermelho, por onde Dona Risoleta caminhou até o avião, perfilaram-se as autoridades: ministros; a mulher do Presidente da França, Danielle Mitterrand, representantes do Corpo Diplomático; o Núncio Apostólico, Dom Carlos Furlo; os Arcebispos do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e Brasília, Dom José Falcão; e o primo de Tancredo, Dom Lucas Moreira Neves.

No momento em que o Boeing decolou rumo a Belo Horizonte, um grupo de motociclistas que fora impedido de entrar na base cantou o Hino Nacional. Depois, de braços erguidos e mãos dadas, eles protestaram com a canção “Para não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré.

Brasília — Foto de Luciano Andrade



No caixão conduzido por militares, Tancredo deixa o Palácio que não chegou a ocupar

Brasília — Foto de Luciano Andrade



Ao lado do Presidente Sarney e de Dona Marly, Dona Risoleta acena para a multidão